



**INSTITUTO
FEDERAL**
Piauí

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ
CAMPUS VALENÇA DO PIAUÍ
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

GISLEINE CARVALHO COSTA

**INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS: INTERVENÇÃO EDUCATIVA
EM ESCOLA PÚBLICA DA REDE FEDERAL**

VALENÇA DO PIAUÍ

2024

GISLEINE CARVALHO COSTA

INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS: INTERVENÇÃO EDUCATIVA EM
ESCOLA PÚBLICA DA REDE FEDERAL

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia)
apresentado como exigência parcial para obtenção
do diploma do Curso de Ciências Biológicas do
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Piauí, Campus Valença do Piauí.

Orientadora: Prof^a. Ma. Rosane Carvalho Leite

VALENÇA DO PIAUÍ
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Costa, Gisleine Carvalho

C837i Infecções sexualmente transmissíveis intervenção educativa em escola pública da rede federal / Gisleine Carvalho Costa. - 2024.
52 f.: il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Licenciatura em Ciências Biológicas) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, Campus Valença, 2024.

Orientadora: Prof. Ma. Rosane Carvalho Leite.

1. Adolescência. 2. Infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). 3. Educação em saúde. 4. Intervenção. I. Título.

CDD - 570

Elaborado por Kelisvane Custodio dos Santos CRB 3/1793

GISLEINE CARVALHO COSTA

INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS: INTERVENÇÃO EDUCATIVA EM
ESCOLA PÚBLICA DA REDE FEDERAL

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia)
apresentado como exigência parcial para obtenção
do diploma do Curso de licenciatura em Ciências
Biológicas do Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Piauí, Campus Valença do
Piauí.

Aprovada em: 17/09/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ma. Rosane Carvalho Leite (Orientadora)
Instituto Federal do Piauí (IFPI)

Prof. Ma. Maria da Cruz Santos Guimarães
Instituto Federal do Piauí (IFPI)

Prof. Esp. Lucivânia Leite Rodrigues
Instituto Federal do Piauí (IFPI)

Dedico este trabalho aos meus
Pais, amigos e mestres.

AGRADECIMENTOS

“Até aqui nos ajudou o Senhor”.

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me proporcionado viver tudo isso. Agradeço a minha família, meu Pai Francisco de Assis Carvalho Costa, pelo seu esforço e dedicação em minha criação em todos os momentos da minha vida, sua força foi minha inspiração. A minha querida mãe Maria da Cruz Dias Rodrigues que me deu suporte, amor e carinho em todos os momentos difíceis que passei.

A minha irmã Jessica Carvalho e irmão Márcio Garcia que fazem parte da minha família e que farei tudo que estiver ao meu alcance para sempre ajudá-los. A todos meus familiares e amigos que esteve presente durante todo meu desenvolvimento acadêmico, à minha amiga Eduarda Ketilly que contribuiu com seus conhecimentos e direcionamentos durante a escrita deste trabalho. Ao meu namorado Taylan José, que foi suporte e auxílio em todos os dias da construção desse trabalho.

Aos meus professores, amigos e colegas que foram e sempre serão a base de meu conhecimento e farão sempre parte de minha carreira profissional. Por fim agradeço imensamente a dedicação da minha querida orientadora Rosane Leite, sem ela nada disso seria possível.

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua
própria produção ou a sua construção.

Paulo Freire

RESUMO

O trabalho tem como principal objetivo analisar a percepção e o conhecimento de adolescentes sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), com o intuito de identificar fatores de risco e lacunas informacionais que influenciam o comportamento sexual dos jovens. A pesquisa foi realizada em uma escola pública da rede federal de Valença do Piauí, envolvendo 32 alunos do primeiro ano do ensino médio. A metodologia incluiu questionários aplicados antes e depois de uma intervenção educativa, baseada em vídeos informativos e quizzes interativos. Os resultados indicam que, antes da intervenção, a maioria dos alunos tinha conhecimento superficial sobre ISTs, com destaque apenas para a AIDS, e muitos desconheciam outras doenças sexualmente transmissíveis como sífilis e gonorreia. Além disso, existia uma confusão generalizada sobre as formas de transmissão, com muitos alunos acreditando que o uso compartilhado de talheres e copos poderia transmitir essas infecções. Após a intervenção educativa, os alunos demonstraram uma melhoria significativa no entendimento sobre as diferentes ISTs e as formas corretas de prevenção. Houve um aumento no reconhecimento da importância do uso de preservativos e uma maior conscientização sobre o risco de transmissão das ISTs, mesmo quando não há sintomas aparentes. Além disso, a intervenção evidenciou que o uso de metodologias ativas, como quizzes e vídeos, foi eficaz para engajar os alunos e promover a aprendizagem.

Palavras-chave: adolescência; Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs); educação em saúde; intervenção.

ABSTRACT

The main objective of the study is to analyze the perception and knowledge of adolescents about Sexually Transmitted Infections (STIs), aiming to identify risk factors and informational gaps that influence young people's sexual behavior. The research was conducted at a public federal school in Valença do Piauí, involving 32 first-year high school students. The methodology included questionnaires applied before and after an educational intervention based on informative videos and interactive quizzes. The results indicate that, before the intervention, most students had superficial knowledge about STIs, with a focus mainly on AIDS, and many were unaware of other sexually transmitted diseases such as syphilis and gonorrhea. Moreover, there was widespread confusion about transmission methods, with many students believing that sharing utensils like plates and cups could transmit these infections. After the educational intervention, students showed a significant improvement in their understanding of the different STIs and the correct prevention methods. There was an increase in the recognition of the importance of using condoms and greater awareness of the risk of STI transmission, even in the absence of symptoms. Additionally, the intervention demonstrated that using playful methods, such as quizzes and videos, was effective in engaging students and promoting learning.

Keywords: awareness; education; intervention; sexuality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura	- Ilustração da escola campo da	
1	pesquisa	23
Gráfico	- Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes	
1	acerca da idade	24
Gráfico	- Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes	
2	acerca do gênero ao qual eles se identificam	25
Gráfico	- Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes.	
3	(A) se ouviram falar em ISTs; (B) quais eles conhecem	25
Gráfico	- Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes	
4	acerca das fontes de obtenção de informações sobre ISTS	27
Gráfico	- Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes	
5	acerca se uma pessoa pode contrair ISTs ao usar os mesmos talheres, pratos, e copos de alguém que tem IST	29
Gráfico	- Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes	
6	acerca dos fatores que aumentam a chance de contrair ISTs	30
Gráfico	- Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes	
7	sobre na gravidez ou parto, a mãe pode transmitir ISTs para a criança	31
Gráfico	- Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes	
8	sobre usar contraceptivo evita que uma pessoa tenha IST	32

Gráfico 9	- Dados de o questionário referente às respostas dos/as estudantes sobre pessoas estar com uma IST mesmo sem ter sintomas	33
Gráfico 10	- Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes sobre a frequência de relações sexuais e o uso ou não de preservativos	34
Gráfico 11	- Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes sobre acreditarem se estão em risco ou não	35
Gráfico 12	- Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes sobre achar que poderia estar em risco de contrair ISTs, o que fariam	36
Gráfico 13	- Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes quais ISTs eles conhecem	37
Gráfico 14	- Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes acerca se uma pessoa pode contrair ISTs ao usar os mesmos talheres, pratos, e copos de alguém que tem IST	38
Gráfico 15	- Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes acerca dos fatores que aumentam a chance de contrair ISTs	38
Gráfico 16	- Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes sobre na gravidez ou parto, a mãe pode transmitir ISTs para a criança.....	39
Gráfico 17	- Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes sobre usar contraceptivo evita que uma pessoa tenha	

IST	40
Gráfico 18 - Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes sobre pessoas estar com uma IST mesmo sem ter sintomas	40
Gráfico 19 - Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes sobre acreditarem se estão em risco ou não	41
Gráfico 20 - Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes sobre achar que poderia estar em risco de contrair ISTs, o que fariam	42
Gráfico 21 - Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes sobre participar de mais momentos sobre ISTs	42
Gráfico 22 - Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes sobre após participar de uma intervenção sobre IST, eles estariam mais preparados para se proteger e conversar sobre o assunto	43

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ISTs	Infecções Sexualmente Transmissíveis
SBU	Sociedade Brasileira de Urologia

LISTA DE SÍMBOLOS

% Porcentagem

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1	INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (ISTs)	18
2.2	EDUCAÇÃO EM SAÚDE	19
2.3	INTERVENÇÃO EDUCATIVA	20
3	METODOLOGIA	22
3.1	TIPO DE PESQUISA	22
3.2	LOCAL E PÚBLICO ALVO	22
3.3	COLETA DE DADOS	23
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	24
4.1	QUESTIONÁRIO PRÉ INTERVENÇÃO	24
4.2	QUESTIONÁRIO PÓS INTERVENÇÃO	37
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
	REFERÊNCIAS.....	47
	APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	50

1 INTRODUÇÃO

A passagem da adolescência para a vida adulta consiste em muitas mudanças, tanto emocional como social, com a adoção de novas interações e comportamentos. Tais mudanças trazem condições específicas que torna os adolescentes expostos a diversas situações de vulnerabilidade.

Segundo Costa *et al.* (2018) a “vulnerabilidade” e o “ser vulnerável” arraiga concepções de uma maior suscetibilidade do indivíduo em relação aos danos e aos agravos à saúde. As vulnerabilidades associadas aos determinantes sociais de saúde podem pôr em risco a saúde dos adolescentes. Assim, alguns dados, como nível de escolaridade, cor/etnia, condições socioeconômicas, estrutura familiar, grupos sociais e questões de gênero, podem influenciar significativamente o início precoce da vida sexual em adolescentes, tornando-os suscetíveis às Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs).

De acordo com os atuais dados da Sociedade Brasileira de Urologia (SBU), o Brasil revelou um aumento de 64,9% das ISTs entre adolescente de 15 a 19 anos, nos períodos de 2009 a 2019. Depreende-se que tal crescimento pode estar relacionado à dúbia sensação de segurança sentida por essa parcela da população, uma vez que, por não terem vivenciado as epidemias de HIV e Aids na década de 1980 podem não compreender as dimensões do problema.

Dados da Coordenação de Infecções Sexualmente Transmissíveis da Secretaria de Estado do Piauí apontam que em 2022 o Estado registrou 533 casos de HIV/Aids. Em nota a Secretaria aponta que os dados do período analisado, correspondente aos anos de 2018 a 2022, a faixa etária dos piauienses que mais apresentaram novos casos da doença foi a de 20 a 34 anos, com o percentual de 49% dos casos registrados (SESAPI, 2022).

O início precoce das relações sexuais e a falta de informação buscada pelos adolescentes, expõe eles a um longo período de atividade sexual e maior número de parceiros. Ainda segundo a SBU (2020), sabe-se que 41,67% dos jovens não conversam sobre sexo, sendo a família e a escola pouco acessadas para busca de informações. Para especialistas, o cenário revela a necessidade de modernização do diálogo com essa parcela da população, “considerando suas especificidades e seus contextos individuais” (SBU, 2020).

Como problema da pesquisa, qual a compreensão dos estudantes sobre as ISTs e como esse conhecimento influencia as suas práticas de comportamento sexual e percepção de risco? Justificando o presente projeto tem por finalidade observar as percepções dos alunos acerca das ISTs na adolescência e efetuar um alerta para a sociedade em geral, por meio de informações e ferramentas criadas pelo SUS com o intuito de disponibilizar uma alternativa completa e de vasto conhecimento podendo auxiliar nesse sentido. Avocando a hipótese de que o aumento do conhecimento sobre as ISTs, por meio de uma intervenção educativa, levará a uma maior percepção de risco e à adoção de práticas sexuais mais seguras.

Segundo a SBU (2020), está faltando diagnóstico e tratamento adequados para essas infecções. O que vemos é apenas um dos parceiros sendo tratados e outro não. Está faltando uma boa assistência voltada às ISTs. Precisamos de educação, que é a base de tudo, informar a população sobre os riscos da relação sexual desprotegida, sobre os riscos de excesso de parceiros.

Um dos principais motivos para esse crescimento, senão o principal, é o rápido desenvolvimento sexual dos adolescentes, com a falta de educação sexual nas escolas e com falta de informações buscada por estes.

Este trabalho tem como objetivo geral analisar a percepção e o conhecimento dos adolescentes de uma escola da rede pública federal de Valença do Piauí sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Como objetivos específicos tem-se: identificar as principais fontes de informação sobre ISTs que os adolescentes utilizam, verificar a relação entre a percepção de risco de contrair ISTs e as práticas de comportamento sexual e avaliar o impacto de uma intervenção educacional sobre ISTs.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (ISTS)

Para Dantas *et al.* (2023), as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) são infecções que são transmitidas principalmente por meio de relações sexuais desprotegidas, podendo ser causadas por vírus, bactérias ou fungos. Diferentemente de outras doenças, as ISTs podem ser assintomáticas, ou seja, uma pessoa pode estar infectada e não apresentar sintomas, o que dificulta o diagnóstico e a prevenção.

Considerando o entendimento sobre ISTs, Belfort *et al.* (2023) diz que as ISTs incluem uma variedade de condições, como sífilis, gonorreia, clamídia, herpes genital, hepatites virais e HIV/AIDS. A principal diferença entre ISTs e outras doenças é a via de transmissão; enquanto muitas doenças podem ser transmitidas por contato não sexual (como resfriados ou gripe), as ISTs são especificamente adquiridas através de contato sexual. Além disso, as ISTs têm implicações significativas para a saúde reprodutiva e sexual, podendo levar a complicações graves, como infertilidade, câncer e aumento do risco de transmissão do HIV.

A mudança da nomenclatura foi fundamental, o termo "Infecções Sexualmente Transmissíveis" (ISTs) foi adotado em substituição a "Doenças Sexualmente Transmissíveis" (DSTs) para melhor refletir a realidade de que uma pessoa pode contrair e transmitir uma infecção sem apresentar sintomas. O Ministério da Saúde (2017) nos explica essa alteração.

O Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis passa a usar a nomenclatura "IST" (infecções sexualmente transmissíveis) no lugar de "DST" (doenças sexualmente transmissíveis). A nova denominação é uma das atualizações da estrutura regimental do Ministério da Saúde por meio do pelo Decreto nº 8.901/2016 publicada no Diário Oficial da União em 11.11.2016, Seção I, páginas 03 a 17. (Brasil, 2017, p. 17).

As informações sobre essas mudanças desempenham um papel crucial na redução dessas vulnerabilidades. Quando os adolescentes têm acesso a informações claras e científicas sobre prevenção eles são mais propícios a tomar decisões seguras em relação à sua saúde sexual. O autor Silva afirma que "Essa mudança enfatiza a necessidade de conscientização e educação sobre a prevenção e tratamento das ISTs, especialmente entre adolescentes, que são um grupo vulnerável" (Silva, 2023, p.9).

2.2 EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Considerando o entendimento a respeito da sexualidade, Brasil *et. al.* (2016), traz que enquanto processo transformador na vida de adolescentes, é necessário destacar que ele requer minuciosa atenção das entidades políticas, família e sociedade em geral, no sentido de promover ações de prevenção e instrução que permitam aos jovens discernirem sobre relações sexuais de modo consciente e racional, compreendendo seus limites e possibilidades.

Diante disso, reconhecemos os esforços de autoridades governamentais e da sociedade civil organizada na tentativa de ampliarmos o conhecimento e a utilização de tecnologias voltadas para o cuidado acerca da sexualidade da população (Brasil, 2016).

Nesse sentido, de acordo com Barbosa *et. al.* (2020), o aconselhamento é reconhecido enquanto tecnologia leve, de prática indispensável para a redução da transmissão das ISTs, ao passo que proporciona uma relação direta e personalizada entre usuários e profissionais dos serviços de saúde, permitindo a aproximação e compartilhamento de saberes e ideias.

Destarte, a educação sexual engloba um conjunto de fatores direcionados à saúde como um todo, pois sua dinâmica devemos considerar as condições socioeconômicas (habitação, lazer, educação, dentre outras), nas quais os adolescentes se encontram, para assim, propormos uma abordagem que se adeque à realidade social de seu público-alvo. Desse modo, de acordo com Magrin *et. al.* (2020, p.2) “torna-se essencial a intervenção da escola, tendo em vista a possibilidade de profissionalização, o que viabiliza o aprimoramento para práticas mais dialógicas e inclusivas para se conversar sobre sexualidade”.

Entendermos a sexualidade em toda a sua integralidade se configura numa ferramenta estratégica na prevenção de ISTs, ao passo que as informações são difundidas entre os próprios adolescentes, empreende-se que as ações de cuidado estarão intrínsecas ao processo. Conhecermos os riscos é o primeiro passo para se buscar os meios de evitá-los e/ou contorná-los, para tal, se faz necessário dialogar sobre temas relacionados às infecções sexualmente transmissíveis principalmente com adolescentes, entendendo que é nessa fase da vida que ocorrem algumas das mudanças mais significativas para os sujeitos (Magrin *et. al.*, 2020).

Entretanto, incluir a discussão sobre educação sexual nas escolas ainda é um

desafio a ser superado, tendo em vista que os profissionais da educação ou não se sentem preparados para dialogar sobre o assunto, ou colocam seus tabus em primeiro plano, como frisam os trechos a seguir:

Embora tenha-se um contexto que incentive essas discussões e que professores possam reconhecer a necessidade de falar sobre sexualidade, muitos docentes ainda se sentem inseguros e hesitantes em abordar tal tema, por ocasionar algum tipo de desconforto, e devido à maior parte da formação deles não contemplar essa temática (Magrin *et. al.* 2020, p. 2 *apud.* Figueiró, 1996; Brol; Martelli, 2018).

Ainda de acordo com Magrin *et. al.* (2020), expormos e discutirmos sobre o tema sexualidade no contexto da conjuntura brasileira, implica em lutarmos por espaço diante de um forte conservadorismo na sociedade. Segundo os autores, para que a implementação de questões sobre educação sexual pudesse enfrentar a ideologia conservadora foi necessário conquistar lugares na política. Destarte, promover a inclusão da temática nos ambientes de educação estaria respaldado por normativas legais, o que influencia na aceitação e execução ações voltadas para a educação sexual.

Contudo, cabe mencionar que a discussão sobre a inclusão das questões relacionadas à educação sexual no currículo escolar sempre foi uma discussão política. Atualmente, a BNCC (Brasil, 2017) torna-se referência na formulação do currículo escolar em âmbito nacional. Segundo o documento informa:

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). (BNCC, 2017, p. 5)

Em relação às questões de sexualidade, o processo de formulação da BNCC explicitou a polêmica na qual esses temas acabaram sendo envolvidos. Conforme Silva (2020), versões anteriores à homologada em 2017 continham menções às temáticas ligadas à sexualidade, mas que foram suprimidas na versão oficial voltada às etapas da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

2.3 INTERVENÇÃO EDUCATIVA

A intervenção educativa com adolescentes deve considerar as especificidades do desenvolvimento cognitivo, social e emocional dessa faixa etária. Durante a adolescência, os jovens passam por transformações significativas que influenciam sua

forma de pensar, interagir e sentir. Para Silva (2021), abordar essas especificidades, é fundamental utilizar estratégias pedagógicas que incluam atividades lúdicas e dinâmicas. Jogos educativos, por exemplo, são uma excelente forma de engajar os adolescentes, tornando o aprendizado mais divertido e interativo.

Intervenção educativa com adolescentes deve ser holística, considerando suas necessidades cognitivas, sociais e emocionais. Ainda citando Silva *et al.* (2021), a utilização de estratégias lúdicas, uma comunicação clara e a participação ativa dos pais e da comunidade escolar são essenciais para promover um aprendizado significativo e eficaz. Essa abordagem não apenas facilita a construção do conhecimento, mas também contribui para o desenvolvimento integral dos jovens, preparando-os para enfrentar os desafios da vida.

Contudo, para Sousa *et al.* (2021), existem muitas dificuldades em ensinar a respeito do tema ISTs, pois a temática ainda é tratada como tabu no ambiente escolar e até mesmo no âmbito familiar, pois os adolescentes não têm um diálogo com a família a respeito desse assunto. Diante disso, Sousa *et al.* (2021), traz que as atividades práticas são alternativas que podem auxiliar o aluno no processo de ensino e aprendizagem do tema, proporcionando uma maior assimilação do assunto abordado nas aulas teóricas.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

A presente pesquisa será um estudo de caso de cunho quali-quantitativo. Segundo Ventura (2007) o estudo de caso, enquanto modalidade de pesquisa, é entendido:

[...] como uma metodologia ou como a escolha de um objeto de estudo definido pelo interesse em casos individuais. Visa à investigação de um caso específico, bem delimitado, contextualizado em tempo e lugar para que se possa realizar uma busca circunstanciada de informações. (Ventura, 2007, p. 384)

No que se refere ao aspecto qualitativo da pesquisa, no entendimento Goldenberg (1997) esse tipo de metodologia se preocupa em aprofundar e compreender o entendimento sobre um grupo social, organização etc., levando em consideração as particularidades na vida dos sujeitos, propondo uma ampla apreensão acerca dos fatores implícitos à realidade observada.

Quanto ao aspecto quantitativo, Silva, Lopes e Junior (2014, p. 3) ressaltam que “a pesquisa quantitativa só tem sentido quando há um problema muito bem definido e há informações e teoria a respeito do objeto de conhecimento, entendido aqui como o foco da pesquisa e/ou aquilo que se quer estudar”. Nesse sentido, a pesquisa quantitativa analisa as informações presentes nos números coletados durante o processo de investigação.

3.2 LOCAL E PÚBLICO-ALVO

A presente pesquisa se dará na cidade de Valença, município do Piauí, apresenta uma densidade demográfica de 16,70 hab/km² (IBGE, 2022) e está localizada no Vale do Sambito. A população local, de acordo com o último censo (IBGE, 2022) é de 22.279 pessoas.

O campo desta pesquisa foi uma escola pública da rede federal, localizada na Avenida Joaquim Manuel, fundada no ano de 2015, atualmente com equipe pedagógica composta por 47 professores, 28 servidores, e 808 alunos.

Imagem 1 – Instituto Federal do Piauí, Campus Valença do Piauí



Fonte: Site do IFPI

3.3 COLETA DE DADOS

O desenvolvimento do estudo consistiu em três fases distintas, porém complementares. A primeira fase tratou da preparação dos materiais para o seu desenvolvimento, como a elaboração dos questionários investigativos pré e pós-intervenção sobre IST's, produção do material para intervenção, vídeos educativos e o quiz de mitos e verdades. Na segunda etapa foi realizada, a apresentação do projeto aos alunos e foi solicitado o preenchimento e assinatura dos responsáveis do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido autorizando a participação e publicação de resultados extraídas a partir da participação deles.

Na sequência foi aplicado o primeiro questionário investigativo entre os estudantes através da plataforma google forms, que é um aplicativo em que se pode criar formulários, por meio de uma planilha. O objetivo foi diagnosticar os conhecimentos prévios dos jovens sobre a temática. Sendo assim, ele foi composto por 13 questões de múltipla escolha, logo após foi feita a intervenção, em seguida a aplicação do segundo questionário. A terceira e última etapa consistiu no tratamento estatístico dos dados obtidos através dos questionários online.

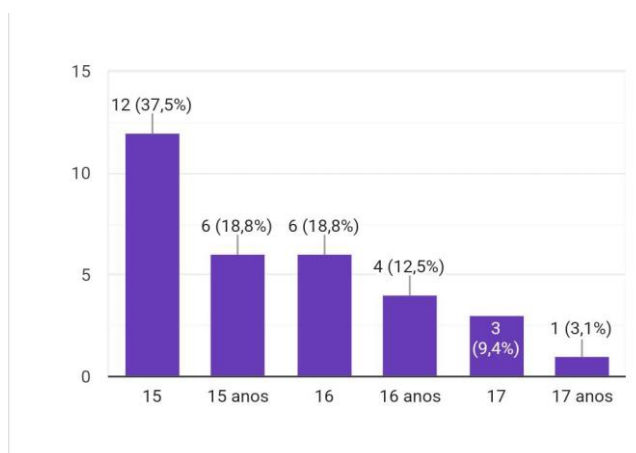
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados foram discutidos a partir de duas categorias principais, a saber: “Questionário pré-intervenção” e “Questionário pós-intervenção”. O questionário para levantamento de conhecimentos prévios foi respondido por 32 alunos e os resultados obtidos foram organizados em gráficos de coluna por bloco de questões.

4.1 QUESTIONÁRIO PRÉ-INTERVENÇÃO

Inicialmente buscamos traçar o perfil de idade e sexo dos adolescentes participantes da pesquisa, no sentido de situar a faixa etária e gênero, no sentido de relacionar nossa temática de estudo com os perfis traçados nos gráficos 1 e 2, respectivamente descritas abaixo:

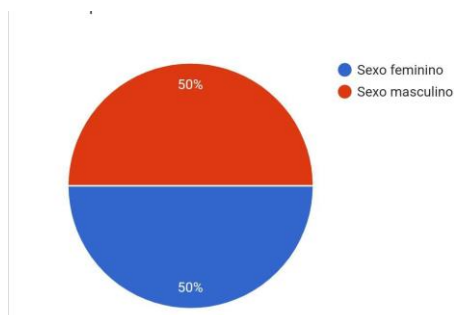
Gráfico 1 - Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes acerca da idade.



Fonte: Própria das autoras (2024)

A partir da análise do gráfico 1, constatou-se que 56,3% dos alunos possuem 15 anos, que segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é a faixa etária ideal para 1º do Ensino Médio. 31,3% 16 anos e 12,5% 17 anos, provavelmente podem ter passado por algum tipo de retenção, atraso escolar ou ingressado tardiamente na escola, o que faz com que estejam acima da idade esperada para essa etapa de ensino.

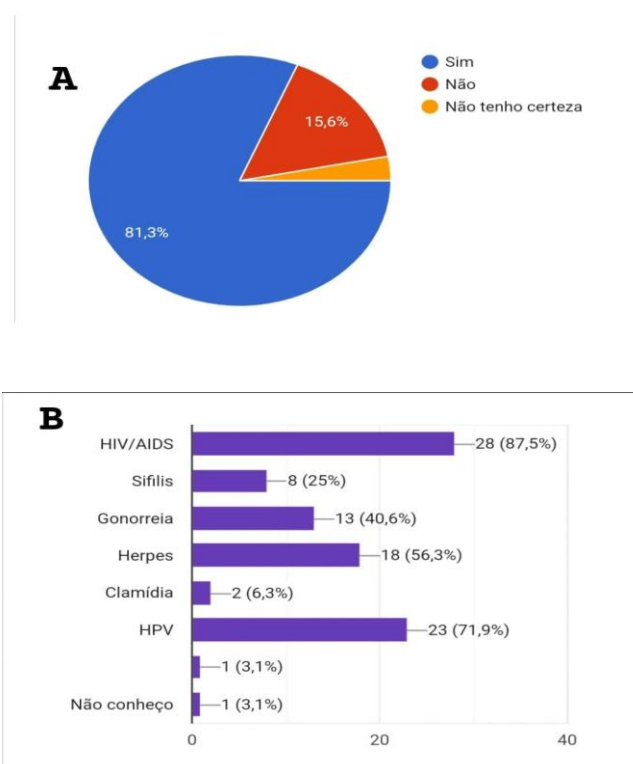
Gráfico 2 - Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes acerca do gênero ao qual eles se identificam.



Fonte: Própria das autoras (2024)

No gráfico 2 analisou-se que 50% dos alunos se identificam com o sexo masculino, 50% com o sexo feminino. No próximo gráfico, número 3, verificamos o conhecimento prévio dos alunos sobre as ISTs, como observamos abaixo:

Gráfico 3 - Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes. (A) se ouviram falar em ISTs; (B) quais eles conhecem



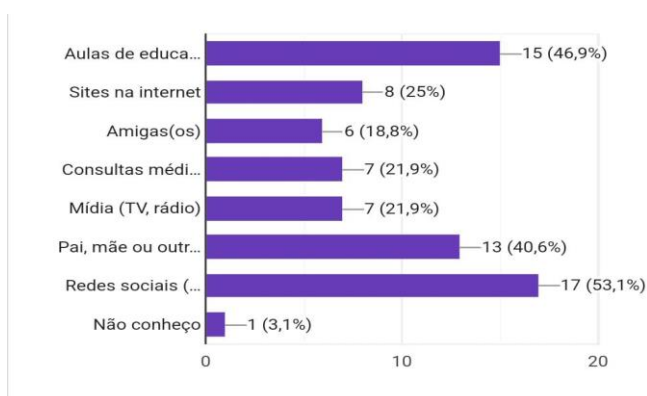
Fonte: Própria das autoras (2024)

Quando foram questionadas se ouviram falar acerca das ISTs, sintetizadas na (Gráfico 3-A), 81,3,3% responderam terem ouvido falar, 15,6% responderam nunca terem ouvido sobre. Apesar da maioria dos discentes considerarem já terem ouvido falar sobre ISTs, quando foram questionadas sobre terem conhecimentos acerca de algumas delas, 87,5% responderam só conhecer a AIDS (Gráfico 3-B).

Esse cenário revela a necessidade de ações educativas mais abrangentes e diversificadas. Embora a AIDS seja uma das ISTs mais conhecidas devido à sua gravidade e à longa história de campanhas de prevenção, outras infecções também apresentam riscos significativos à saúde pública. Tal fato demonstra que uma porcentagem significativa dos jovens está vulnerável a ISTs devido à ausência de conhecimentos a respeito das demais ISTs. Assim como no estudo de Barreto *et al.* (2016) “no qual verificou por meio do seu estudo a ausência ou o conhecimento insuficiente em relação às ISTs, sua forma de transmissão, prevenção, sintomas e consequências das doenças por gestantes com idade entre 14 e 19 anos”.

Quando questionados sobre as fontes utilizadas pelos estudantes para buscar informações de questões relacionadas à ISTs, a maioria 46,9% afirmaram usar aulas de educação sexual, O fato de que quase metade dos estudantes afirmar buscar informações nas aulas, mesmo ainda não tendo tantas aulas focada em educação sexual, destaca a importância da escola como uma fonte primária de conhecimento sobre ISTs. Seguido por 25% que afirma usar sites na internet, isso reflete o papel crescente da tecnologia na educação e na busca por conhecimento, porém, é fundamental garantir que os estudantes tenham acesso a informações confiáveis, já que a internet também pode propagar mitos sobre o tema.

Gráfico 4 - Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes acerca das fontes de obtenção de informações sobre ISTs.



Fonte: Própria das autoras (2024)

Segundo Silva *et al.* (2016), “a internet é muito procurada na busca de orientações sobre ISTs por se tratar de um interlocutor sigiloso”. 18,8% têm principal informação conversas e entre amigos, essas informações através de conversas com amigos podem ser tanto positivas quanto preocupante. Embora os diálogos possam ajudar a aumentar a conscientização, há o risco da disseminação de informações não baseado em fontes científicas ou confiáveis. 21,9% usam consultas médicas, isso mostra que parte dos estudantes utiliza um canal confiável.

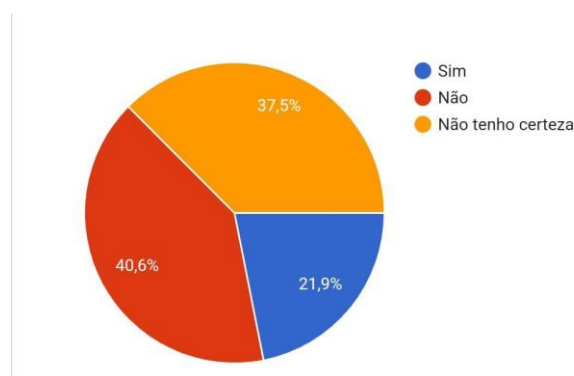
No entanto, o número um pouco baixo sugere que o acesso a esse tipo de orientação pode ser limitado. 21,9% acessam mídias como rádio e televisão, essas mídias por serem a de mais fácil acesso para toda população desempenham um papel importante, especialmente em campanhas de saúde pública, para (Piscalho; Leal, 2000) isso acontece “por ser um espaço democrático, os jovens têm facilidade em obter informações” 40,6% buscam informações com diálogos entre familiares, o que representa um número considerável de estudantes.

Consideramos positivo o diálogo em casa sobre questões de sexualidade, entretanto, o conteúdo dessas discussões pode ser influenciado por tabus, o que também pode ser uma barreira para compreensão do tema. “À educação sexual seja prioritariamente uma competência da família, já que é ela a peça-chave na formação da identidade de gênero e no desempenho dos papéis sexuais de seus filhos”, Silva *et al* (2020).

Observamos que 53,1% afirmaram que tem as redes sociais, por ser a fonte de informação de maior acesso dos jovens, contudo a vários riscos na obtenção dessas informações pelas redes, com as redes sociais a uma grande disseminação de fake News, o que aumenta a chance de informações não confiáveis, “com a criação de ferramentas de publicação pessoal, podem ser publicadas informações úteis e diretas, mas também informações desconexas e sem revisão apropriada para publicação”, Merhy, *et al.*, (2014).

No que diz respeito quando discutido sobre a transmissão, os adolescentes trazem ideias pouco precisas quando o assunto é o conhecimento sobre as formas de transmissão das ISTs, isto é, eles não têm certezas acerca das vias de transmissão e, em alguns momentos, revelam dúvidas que mostram desconhecimento, como observamos no gráfico 5:

Gráfico 5 - Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes acerca se uma pessoa pode contrair ISTs ao usar os mesmos talheres, pratos, e copos de alguém que tem IST.



Fonte: Própria das autoras (2024)

Do total de adolescentes participantes da pesquisa 37,5% declaram não certeza sobre a possibilidade de contágio por objetos revela uma ausência de uma informação clara e acessível sobre as formas reais de transmissão das ISTs, e 21,9% afirmaram que existe contágio por meio de objetos este dado é preocupante, pois reflete um equívoco sobre os modos de transmissão das ISTs. Infecções como HIV, sífilis e gonorreia não são transmitidas por objetos compartilhados no cotidiano, como copos, talheres, ou assentos de banheiro, mas principalmente por contato sexual desprotegido, transfusões de sangue contaminado, ou compartilhamento de agulhas. Gómez *et al.* (2016) diz:

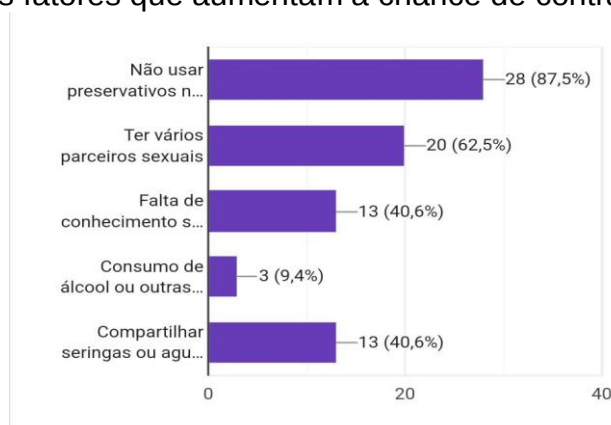
Entender a transmissão de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) é fundamental para a saúde pública. O uso compartilhado de utensílios como talheres, pratos e copos não é considerado um meio comum de transmissão de ISTs. Essas infecções, como HIV, sífilis, gonorreia e clamídia, tendem a ser transmitidas principalmente por contato sexual ou, em alguns casos, de mãe para filho durante o parto". (Gómez *et al.*, 2016, p. 13)

A incerteza sobre a transmissão de ISTs indicam que as campanhas educativas e o ensino formal precisam enfatizar mais os modos corretos de transmissão, esclarecendo mitos e informações incorretas. Esse tipo de erro pode levar a uma falsa sensação de segurança ou a preocupações infundadas.

Buscamos também verificar o que os estudantes achavam quanto os fatores que aumentam a chance de contrair. 87,5% responderam não usar preservativos, essa é uma estatística alarmante, já que os preservativos são uma das principais formas de prevenção contra ISTs, O uso regular de preservativos reduz

significativamente o risco de contágio por meio de relações sexuais desprotegidas, isso demonstra uma falta de conscientização ou acesso a métodos preventivos, o que coloca essa população em situação de extrema vulnerabilidade. 62,5% responderam ter vários parceiros sexuais, ter múltiplos parceiros sexuais aumenta o risco de contrair ISTs, especialmente quando a ausência do uso de preservativos, assim como mostra o gráfico 6:

Gráfico 6 - Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes acerca dos fatores que aumentam a chance de contrair ISTs.



Fonte: Própria das autoras (2024)

Um aspecto importante e relevante questionado ao que estudantes achavam quanto os fatores que aumentam a chance de contrair. 87,5% responderam não usar preservativos, essa é uma estatística alarmante, visto que os preservativos são uma das principais formas de prevenção contra ISTs,

O uso regular de preservativos reduz significativamente o risco de contágio por meio de relações sexuais desprotegidas, isso demonstra uma falta de conscientização ou acesso a métodos preventivos, o que coloca essa população em situação de extrema vulnerabilidade. Constatamos que 62,5% responderam ter vários parceiros sexuais, ter múltiplos parceiros sexuais aumenta o risco de contrair ISTs, especialmente quando a ausência do uso de preservativos.

Essa prática, sem o devido cuidado, expõe os jovens a um ciclo de contágio, 40,6% responderam a falta de conhecimento, esta ausência de educação sexual adequada pode levar a uma má compreensão sobre as formas de transmissão e prevenção de ISTs, sem essa base de conhecimento, é mais provável que os jovens adotem práticas prejudiciais à saúde sexual. 40,6% responderam compartilhar seringas e agulhas, este comportamento é extremamente perigoso, uma vez que o

compartilhamento de agulhas é uma das principais formas de transmissão do HIV e de outras infecções, como hepatite B e C.

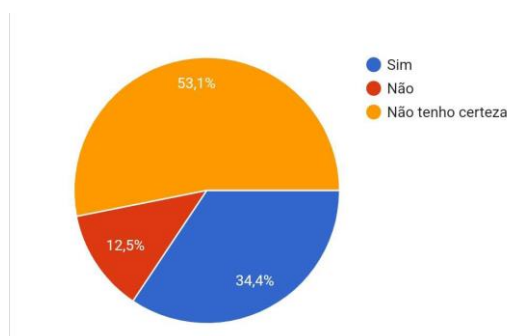
A alta porcentagem de estudantes que prática aponta para a necessidade urgente de intervenção, especialmente com foco na prevenção entre usuários de drogas injetáveis e outros contextos em que o compartilhamento de agulhas pode ocorrer. A maioria dos participantes considerou uma acessibilidade boa, demonstrando que uma parcela significativa dos entrevistados possui informação quanto às formas de acesso aos métodos preventivos. Barbosa *et al.* (2019) afirma:

Discussões acerca da sexualidade são de extrema relevância, pois a insegurança dos adolescentes quanto a esse tema, associada à falta de informação, ainda prevalecem, tornando-se urgente e necessário esse debate com os alunos intermediado por professores/responsáveis e profissionais da saúde a fim de reduzir as vulnerabilidades às ISTs (Barbosa *et al.*, 2019, p. 21).

Esses dados indicam uma combinação de fatores que potencializam o risco de transmissão de ISTs entre os estudantes. O comportamento de não usar preservativos, associado ao fato de manter múltiplos parceiros sexuais, cria um ambiente altamente favorável à propagação de infecções.

Quando questionados acerca de durante a gravidez ou parto, mãe pode transmitir ISTs para o filho 34,4% responderam que sim, 53,1% responderam não ter certeza e 12,5% responderam que não, essa distribuição aponta para uma alta prevalência de incerteza e uma divisão significativa em relação à percepção do tema. Os dados encontram-se no gráfico 7 abaixo:

Gráfico 7 - Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes sobre na gravidez ou parto, a mãe pode transmitir ISTs para a criança.



Fonte: Própria das autoras (2024)

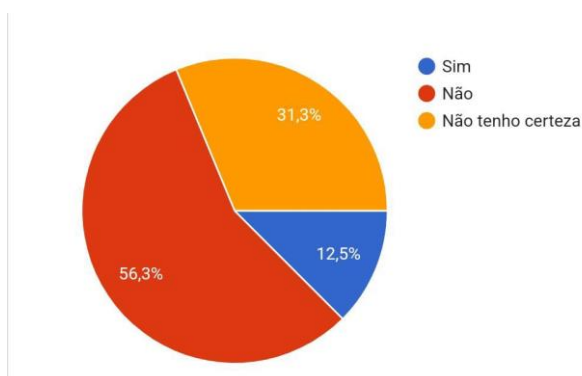
Quando se trata ISTs durante a gravidez ou o parto, é importante entender que sim, algumas ISTs podem ser transmitidas da mãe para o bebê. No entanto, a taxa de transmissão e o impacto dependem do tipo de IST e do tratamento recebido. A falta de certeza que muitos têm é compreensível, pois o tema pode ser complexo e variar muito dependendo da situação. Jones *et al.* (2020) diz:

Durante a gravidez ou o parto, a mãe pode transmitir infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) para a criança, um processo conhecido como transmissão vertical. Isso pode resultar em várias complicações para o recém-nascido, incluindo infecções congênicas que podem afetar o desenvolvimento e a saúde do bebê". (Jones *et al.*, 2020, p. 31)

Quando uma maioria dos estudantes não se sente segura para afirmar uma resposta, isso sugere que as informações que receberam são insuficientes ou confusas. Isso pode ser reflexo de falhas na comunicação de conteúdos educacionais ou de um ambiente que não encoraja perguntas e discussões abertas, deixando os alunos sem confiança no conhecimento que têm.

Baseado nas respostas, a maioria dos alunos participantes, 56,3% entendem que métodos contraceptivos como a pílula ou DIU são eficazes na prevenção da gravidez, mas não protegem contra ISTs, como demonstra no gráfico 8:

Gráfico 8 - Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes sobre usar contraceptivo evita que uma pessoa tenha IST.



Fonte: Própria das autoras (2024)

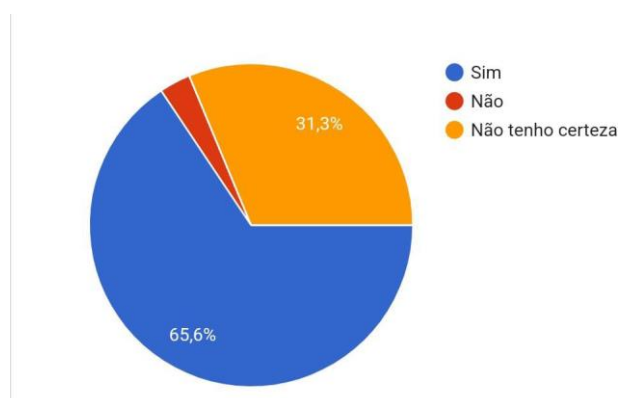
O que é positivo, pois demonstra que mais da metade dos respondentes compreende a distinção entre métodos anticoncepcionais e preventivos, como o preservativo, que é o único método de barreira eficaz na prevenção tanto de gravidezes indesejadas quanto de ISTs. Aproximadamente 31,3% não têm certeza

isso sugere que uma parte significativa dos estudantes não tem clareza sobre como diferentes métodos contraceptivos funcionam.

A falta de certeza pode levar a uma falsa sensação de segurança, onde acreditam que estão protegidos contra ISTs ao usar métodos que não oferecem essa proteção. Verificamos que 12,5% já esse dado é um pouco preocupante, reflete um entendimento equivocado sobre os métodos contraceptivos. Aqueles que acreditam que a pílula ou o DIU oferecem proteção contra ISTs podem estar deixando de usar preservativos, aumentando o risco de transmissão. “Os métodos contraceptivos hormonais como a pílula e dispositivos intrauterinos são eficazes na prevenção de gravidez, mas não oferecem proteção contra ISTs. Para se proteger contra ISTs, é recomendável usar preservativos em conjunto com outros métodos contraceptivos”. Austad *et al.* (2021).

Com base nas respostas sobre a possibilidade de uma pessoa ter uma IST sem apresentar sintomas, 65,6% responderam que sim, o que é positivo, pois demonstra que a maioria dos entrevistados tem conhecimento de que muitas ISTs podem ser assintomáticas, este grupo entende que a ausência de sintomas não garante ausência de infecção, o que pode incentivá-los a buscar exames regulares e a adotar práticas de sexo seguro. 31,3% responderam que não têm certeza, a incerteza de quase um terço dos respondentes demonstra uma lacuna significativa de conhecimento sobre as ISTs, constatado no gráfico 9:

Gráfico 9 – Dados de o questionário referente às respostas dos/as estudantes sobre pessoas estar com uma IST mesmo sem ter sintomas.



Fonte: Própria das autoras (2024)

Essa falta de clareza pode levar a comportamentos de risco, uma vez que

pessoas que não têm certeza sobre o caráter assintomático das ISTs podem não buscar exames regulares ou não usar preservativos, acreditando que estão seguras na ausência de sintomas. É importante entender que muitas ISTs podem estar presentes sem causar sintomas visíveis. Isso significa que alguém pode ter uma infecção e não saber, o que pode levar à transmissão para outras pessoas sem intenção. Para Ferreira *et al.* (2016):

Os fatores que expõem os adolescentes a situações de risco estão: a ineficiência das informações adquiridas; o começo precoce das atividades sexuais; intensa troca de parceiros; o grande número de pessoas assintomáticas; o desconhecimento de sinais e sintomas de infecção sexual; e a falta de adesão ao atendimento de saúde. (Ferreira *et al.*, 2016, p. 12).

A falta de sintomas é uma das razões pelas quais muitas ISTs continuam a se espalhar, mesmo em populações que consideram estar em baixo risco. A compreensão de que as ISTs podem ser assintomáticas é essencial para motivar o uso de preservativos e a realização de exames regulares, especialmente para aqueles com múltiplos parceiros sexuais.

Entre os estudantes entrevistados, uma parte significativa, 46,9%, relatou nunca ter tido relações sexuais. Para aqueles que são sexualmente ativos, os dados mostram que 18,8% afirmam sempre usar preservativos, demonstrando uma consciência sobre proteção. 16,6% disseram usar preservativos na maioria das vezes, enquanto 9,4% raramente os utilizam, o que indica um risco maior, disposto a seguir no gráfico 10:

Gráfico 10 – Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes sobre a frequência de relações sexuais e o uso ou não de preservativos.



Fonte: Própria das autoras (2024)

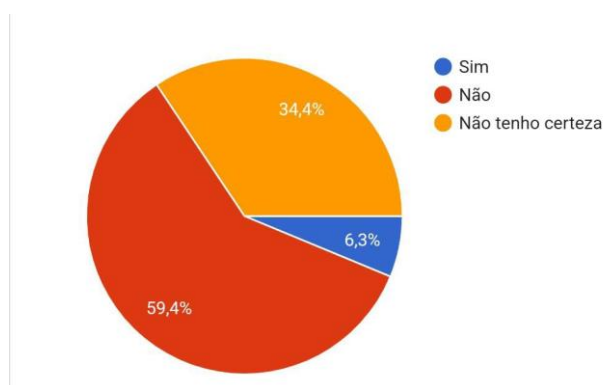
Além disso, 9,4% afirmaram nunca usar preservativos, o que pode ser motivo de preocupação, dada a importância da prevenção de ISTs, esses dados revelam um cenário preocupante em relação ao uso de preservativos e à adoção de comportamentos seguros por parte dos jovens sexualmente ativos. Embora uma pequena parcela sempre utilize preservativos, a maioria está em algum nível de risco, seja pela inconsistente ou total ausência de proteção durante as relações sexuais. De acordo com Dourado *et al.* (2015)

Adolescentes que iniciam as atividades sexuais entre 16 e 19 anos tendem a utilizar o preservativo. Desta forma, é evidente a necessidade de implementação e discussão para estratégias que tenham o objetivo de promover a negociação e conscientização do uso de preservativo na população jovem, sobretudo, abaixo dos 14 anos. (Dourado *et al.*, 2015, p. 11)

O fato de 46,9% dos entrevistados não serem sexualmente ativos significa que há uma janela de oportunidade para trabalhar a educação preventiva antes que esses jovens iniciem a vida sexual, garantindo que tenham o conhecimento necessário para tomar decisões seguras quando se tornarem sexualmente ativos.

Entre os estudantes, 59,4% acreditam que não estão em risco, demonstrando uma percepção de segurança em relação à sua saúde ou comportamento. No entanto, 34,4% não têm certeza se estão ou não em risco, o que pode refletir uma falta de conhecimento ou insegurança sobre práticas preventivas. Por outro lado, 6,3% afirmam que podem estar em risco, o que é preocupante, pois revela uma autopercepção de vulnerabilidade, no gráfico 11:

Gráfico 11 – Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes sobre acreditarem se estão em risco ou não.



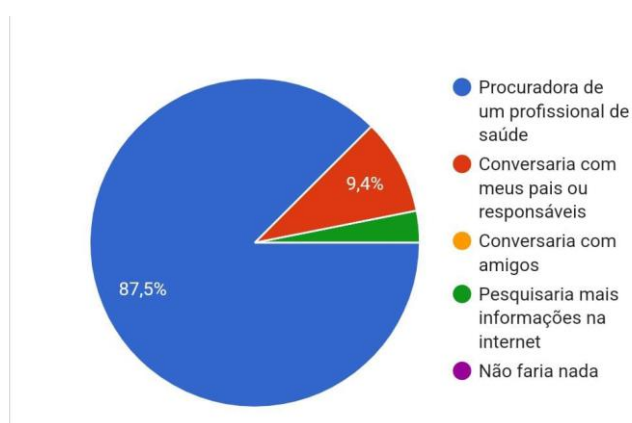
Fonte: Própria das autoras (2024)

A falta de informação sobre elas pode resultar em diagnósticos tardios, e uma

percepção de segurança por parte dos jovens que acreditam estar cientes dos riscos associados à sexualidade, mas conhecem apenas uma parte do problema. “Assim, a busca e a curiosidade sobre novas experiências e a falta de orientação sobre as mudanças, os tornam vulneráveis a situações de risco, incluindo IST’s”. (Magalhães *et al.*, 2021).

Diante da possibilidade de estarem em risco de contrair ISTs, a maioria dos estudantes, 87,5%, afirmou que procuraria um profissional de saúde, sugere que eles estão bem-informados sobre a necessidade de intervenção médica em casos de ISTs, o que é um reflexo positivo das campanhas e programas de educação sexual, analisado abaixo no gráfico 12:

Gráfico 12 – Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes sobre achar que poderia estar em risco de contrair ISTs, o que fariam.



Fonte: Própria das autoras (2024)

Verificamos ainda que os outros 9,4% preferem conversar com os pais sugere que alguns jovens ainda podem sentir-se mais à vontade buscando apoio familiar inicialmente, “isso demonstra que a maioria dos jovens não possuem um ambiente familiar favorável e confortável ao diálogo sobre sexualidade”. (Costa *et al.*, 2022). Por fim, 3,1% mencionaram que pesquisariam informações na internet, o que pode ser útil, mas não substitui o aconselhamento médico.

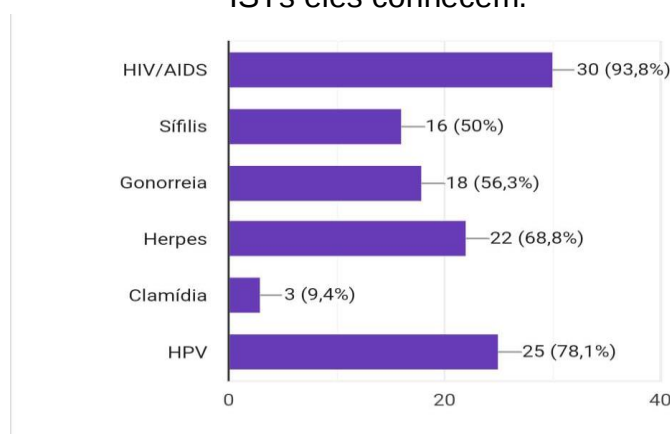
4.2 QUESTIONÁRIO PÓS-INTERVENÇÃO

Após a intervenção educativa com os alunos de uma turma de 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública da Rede Federal de ensino com a utilização de vídeos

educativos e o quiz de mitos e verdades, conseguimos aplicar um segundo questionário com os alunos que descrevemos a seguir com as novas percepções dos discentes sobre o tema da nossa pesquisa.

Os resultados do questionário após a intervenção indicam que os alunos ampliaram ainda mais seu entendimento sobre o tema. Isso é evidente no aumento das porcentagens de respostas corretas em diversas perguntas, no gráfico 13:

Gráfico 13 - Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes quais ISTs eles conhecem.

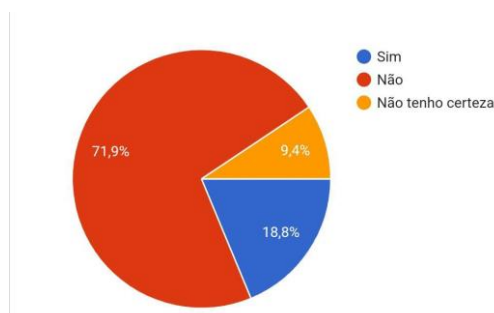


Fonte: Própria das autoras (2024)

Ao serem novamente questionados sobre as ISTs que conheciam, notou-se um aumento significativo nas respostas, visto que, inicialmente, a maioria mencionava apenas a AIDS. Após a intervenção, 93,8% dos alunos afirmaram conhecer a AIDS, 50% citaram a sífilis, 56,3% mencionaram a gonorreia, 68,8% reconheceram o herpes e 78,1% estavam familiarizados com o HPV. Diante disso, Brotto (2001) “Acredita-se que jogar na educação é importante para o entendimento que ‘brincar e viver’ são oportunidades criativas, consigo, com os outros e com o todo”.

As porcentagens mostram um cenário muito mais positivo. Isso sugere que a intervenção teve uma mudança significativa no conhecimento, nas atitudes e nos comportamentos relacionados à saúde sexual e à prevenção das ISTs dos adolescentes. Ainda questionamos estudantes acerca se uma pessoa pode contrair ISTs ao usar os mesmos talheres, pratos, e copos de alguém que tem IST, no gráfico 14:

Gráfico 14 - Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes acerca se uma pessoa pode contrair ISTs ao usar os mesmos talheres, pratos, e copos de alguém que tem IST.

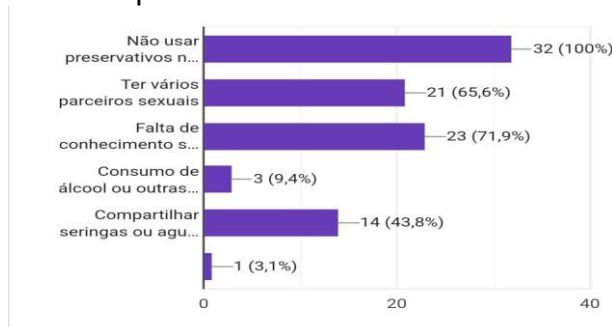


Fonte: Própria das autoras (2024)

No entanto, essa questão, que haviam apresentado muitas dúvidas antes da intervenção, permaneceu com 18,8% de resposta sim e 9,4% ainda não tem certeza, mostrando, possivelmente, uma falta de compreensão dos alunos acerca do que foi apresentado na atividade. Para Silva *et al.* (2021) “pode-se perceber que existem muitas dificuldades em ensinar a respeito do tema ISTs, pois a temática ainda é tratada como tabu no ambiente escolar e até mesmo no âmbito familiar”.

Em relação à prevenção, os gráficos mostram um aumento positivo e significativo nas porcentagens. Isso demonstra que os alunos estão mais conscientes sobre as medidas preventivas, refletindo um impacto positivo da intervenção no entendimento sobre a importância da prevenção, constatado no gráfico 15:

Figura 15 - Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes acerca dos fatores que aumentam a chance de contrair ISTs.



Fonte: Própria das autoras (2024)

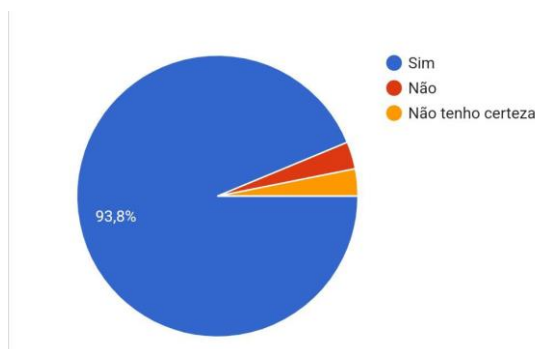
Em relação à prevenção, os gráficos mostram um aumento positivo e

significativo nas porcentagens. Isso demonstra que os alunos estão mais conscientes sobre as medidas preventivas, refletindo um impacto positivo da intervenção no entendimento sobre a importância da prevenção.

Para Grandó (2000), “jogos são atividades recreativas que despertam interesses dos jogadores, a competição e os desafios inspiram os jogadores a entender seus limites e buscar a vitória, ganhando inclusive mais confiança”. O fato de mais alunos estarem adotando práticas seguras, como o uso regular de preservativos, demonstra que o nível de risco de transmissão de ISTs entre esse grupo diminuiu após a intervenção.

Isso é um indicativo de que programas educacionais eficazes podem ter um impacto real na redução das taxas de ISTs, especialmente entre jovens. Outro ponto que teve um impacto muito positivo foi a questão sobre a transmissão de ISTs da mãe para o filho durante a gravidez ou o parto, exposto abaixo no gráfico 16:

Gráfico 16 - Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes sobre na gravidez ou parto, a mãe pode transmitir ISTs para a criança.



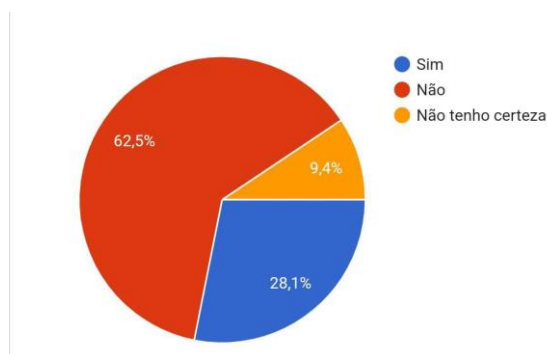
Fonte: Própria das autoras (2024)

No primeiro momento, 53,1% dos alunos disseram não ter certeza, mas após a intervenção, 93,8% responderam corretamente que isso é possível. Esse aumento significativo reflete uma maior compreensão sobre os riscos de transmissão. É notável que o uso de jogos educativos é visualizado pelos jovens como algo divertido e sensibilizador, pois as informações dentro de um ambiente competitivo, possibilitam a aquisição do conhecimento e aprendizado dos adolescentes no que diz respeito à prevenção de ISTs. (Silva *et al.*, 2021).

No segundo questionário, observou-se uma leve melhora no entendimento sobre a relação entre métodos contraceptivos, como a pílula ou DIU, e a prevenção

de ISTs. Dos alunos, 62,5% responderam corretamente que esses métodos não previnem infecções sexualmente transmissíveis, como demonstra o gráfico 17:

Gráfico 17 - Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes sobre usar contraceptivo evita que uma pessoa tenha IST.

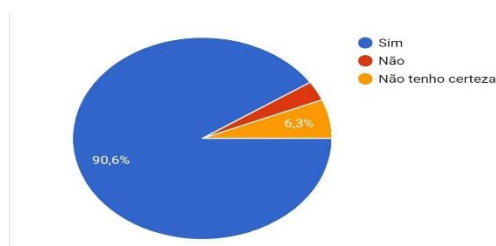


Fonte: Própria das autoras (2024)

No entanto, ainda há certa confusão, já que 28,1% acreditam que sim, e 9,4% afirmaram não ter certeza. Esses dados indicam a necessidade de reforçar a informação sobre a função específica desses métodos. Se, anteriormente, muitos alunos demonstraram incertezas ou conceitos equivocados sobre ISTs, após a intervenção houve um aumento no percentual de alunos que entendem que métodos contraceptivos como a pílula e o DIU não previnem ISTs, e que o uso de preservativos é essencial para evitar infecções.

Após as atividades realizadas, houve um excelente avanço no entendimento dos alunos sobre a possibilidade de ter uma IST sem apresentar sintomas. Isso é refletido no fato de que 90,6% responderam que é possível estar infectado sem sinais evidentes, demonstrando uma conscientização maior sobre o tema, como exposto no gráfico 18:

Gráfico 18 – Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes sobre pessoas estar com uma IST mesmo sem ter sintomas.

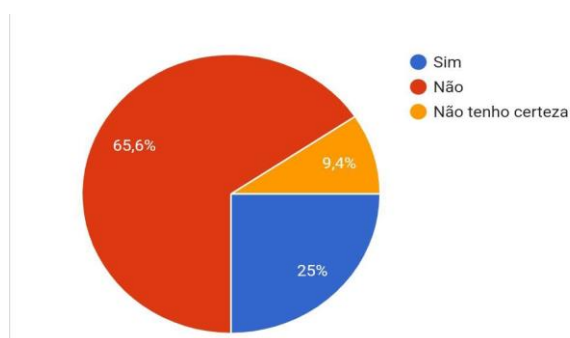


Fonte: Própria das autoras (2024)

Para Sousa *et al.* (2021) “os jogos práticos facilitam o assunto que é abordado na teoria com prática e fazem com que o aluno desperte interesse e curiosidade sobre o assunto que está sendo proposto pelo educando em sala de aula”. Os dados mais positivos sugerem que as informações fornecidas foram assimiladas e que os alunos agora possuem uma compreensão mais sólida dos riscos e das práticas preventivas.

Após a intervenção, observou-se uma mudança importante. Entre os estudantes, 65,6% continuaram acreditando que não estão em risco, o que ainda reflete uma percepção de segurança. No entanto, o número de alunos que não têm certeza continua um pouco alta 25%, o que pode indicar que, ao aprenderem mais sobre o tema, passaram a refletir mais profundamente sobre seus próprios comportamentos e a avaliar melhor os riscos. Outro dado importante está descrito no gráfico 19 sobre o risco real dos ISTs:

Gráfico 19 – Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes sobre acreditarem se estão em risco ou não.



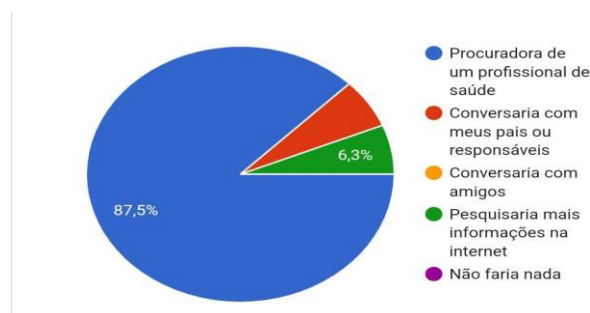
Fonte: Própria das autoras (2024)

Após a intervenção, observou-se uma mudança importante. Entre os estudantes, 65,6% continuaram acreditando que não estão em risco, o que ainda reflete uma percepção de segurança. No entanto, o número de alunos que não têm certeza continua um pouco alta 25%, o que pode indicar que, ao aprenderem mais sobre o tema, passaram a refletir mais profundamente sobre seus próprios comportamentos e a avaliar melhor os riscos. Por outro lado, 6,3% afirmaram que estão em risco, um número menor, mas ainda preocupante, pois mostra que uma pequena parcela tem consciência de sua vulnerabilidade.

Diante da possibilidade de estarem em risco de contrair ISTs, a maioria dos estudantes, 87,5%, afirmou que procuraria um profissional de saúde, mostrando uma atitude responsável e voltada para o cuidado adequado. Apenas 6,3% dos alunos

mencionaram ter seus pais como rede de apoio, um número baixo, como está disposto no gráfico 20:

Gráfico 20 – Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes sobre achar que poderia estar em risco de contrair ISTs, o que fariam.

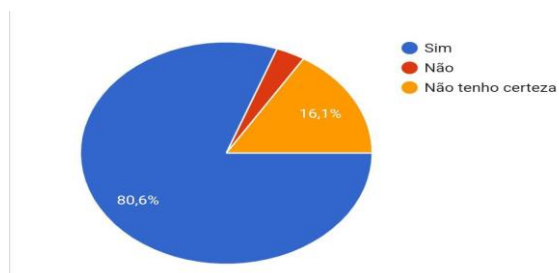


Fonte: Própria das autoras (2024)

Isso sugere a necessidade de fortalecer o diálogo familiar e buscar formas de envolver mais os pais na educação e apoio em temas relacionados à saúde e ISTs. Filho *et al.* (2023) diz que, “O nicho familiar, em sua maioria, ao invés de acolher e orientar, reprimem os jovens, gerando bloqueios e abismos nas relações”. E 6,3% afirmam buscar informações na Internet. Após a intervenção, muitos estudantes agora possuem maior clareza sobre essas questões. Isso reflete a importância da intervenção em fornecer informações precisas e dissipar mitos ou equívocos.

A maioria dos alunos, 80,6%, expressou interesse em participar de mais momentos de conversa, jogos e aprendizado sobre as ISTs, o que demonstra que o método utilizado teve um impacto positivo no processo de aprendizagem. Além disso, 16,1% ainda não têm certeza, o que indica que, com o tempo e a continuidade dessas atividades, mais alunos podem se engajar nesse formato educativo, logo abaixo no gráfico 21:

Gráfico 21 – Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes sobre participar de mais momentos sobre ISTs.



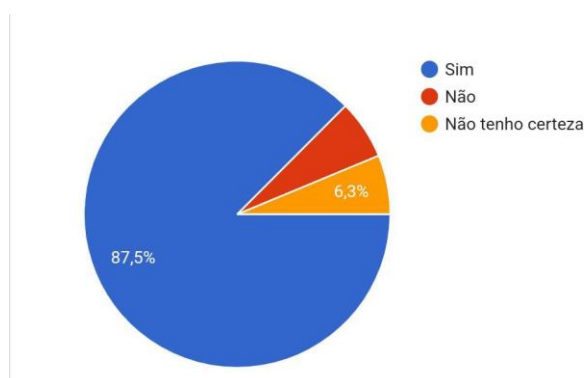
Fonte: Própria das autoras (2024)

A melhora nos índices de conhecimento e o fato dos estudantes terem achado a intervenção uma maneira positiva, quando bem implementada, pode transformar significativamente a forma como os jovens entendem e lidam com a saúde sexual. Os dados mais positivos sugerem que as informações fornecidas foram assimiladas e que os alunos agora possuem uma compreensão mais sólida dos riscos e das práticas preventivas. Sousa *et al.* (2021), acredita que:

As mudanças experimentadas pela sociedade sempre exigiram dos professores, que são diretamente responsáveis por mudar os métodos de ensino e desenvolvimento do aluno, que utilizem metodologias constantemente atualizadas e atrativas para os discentes”. (Sousa *et al.*, 2021, p. 8).

Após participarem da intervenção sobre ISTs, 87,5% dos estudantes afirmaram que se sentem mais preparados para se proteger e conversar sobre o assunto. No entanto, 6,3% ainda não têm certeza e outros 6,3% disseram que não. Esses dados indicam que a maioria se sente mais confiante após a intervenção, observado nas respostas evidenciadas no gráfico 22:

Gráfico 22 – Dados do questionário referente às respostas dos/as estudantes após participar de uma intervenção sobre IST, eles estariam mais preparados para se proteger e conversar sobre o assunto.



Fonte: Própria das autoras (2024)

Diante disso, Silva *et al.* (2021) afirma que essa problemática é um desafio enfrentado pelos professores que devem, por meio de atividades diferenciadas como as aulas práticas, facilitar o processo de ensino e aprendizagem. Além disso, os jogos práticos facilitam o assunto que é abordado na teoria com prática e fazem com que o aluno desperte interesse e curiosidade sobre o assunto que está sendo proposto pelo educando em sala de aula”. (Silva *et al.*, 2021)

Conclui-se que após a intervenção as atitudes e comportamentos relacionados

à saúde sexual dos alunos melhoraram significativamente, demonstrando o impacto positivo de uma intervenção educativa eficaz.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas pesquisas, foi possível identificar que as principais fontes de informação sobre ISTs utilizadas pelos adolescentes são as aulas de educação sexual, seguidas por sites na internet e, em menor proporção, conversas com amigos e familiares. Contudo, essas fontes nem sempre são confiáveis ou adequadamente acessadas, destacando a importância da escola como uma referência na disseminação de informações sobre saúde sexual.

Assim, espera-se que a integração entre educação e sexualidade se torne uma poderosa aliada no desenvolvimento social, contribuindo para a formação de uma juventude mais consciente, estruturada e saudável. Esse avanço se refletirá na diminuição das taxas de infecções sexualmente transmissíveis, pois a educação sexual atua como uma medida preventiva.

Observou-se que, embora muitos adolescentes tenham algum conhecimento sobre as ISTs, a maioria ainda não adota medidas preventivas, como o uso consistente de preservativos. Além disso, a percepção de risco entre os jovens é muitas vezes distorcida, com uma parcela significativa não se considerando vulnerável, mesmo adotando comportamentos de risco, como múltiplos parceiros sexuais ou a não utilização de métodos de proteção.

Conclui-se que a intervenção educacional implementada no estudo, utilizando vídeos e quiz de mitos e verdades, teve um impacto positivo na ampliação do conhecimento dos adolescentes sobre as ISTs, evidenciado pelo aumento significativo de respostas corretas no questionário pós-intervenção. Esse resultado destaca a importância de estratégias educativas interativas e acessíveis, que contribuam para a conscientização e prevenção de infecções sexualmente transmissíveis entre os jovens.

REFERÊNCIAS

- AUSTAD, K. E.; ALBRIGHT, K. C. Contraceptive methods and STI prevention: a review of current evidence. **Contraception**, v. 104, n. 6, p. 646-652, 2021. DOI: 10.1016/j.contraception.2021.08.004.
- BARBOSA, L. U.; LOPES, C. S. C. L.; SOUSA, B. S. A.; FOLMER, V. O silêncio da família e da escola frente ao desafio da sexualidade na adolescência. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 12, n. 2, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22409/resa2019.v12i2.a21625>.
- BARRETO, R. M. A.; SANTOS, R. B.; BEZERRA, A. C. L.; SILVA, M. A. M. IST na adolescência: percepção de gestantes à luz do círculo de cultura de Paulo Freire. **Revista Contexto & Saúde**, v. 16, n. 30, p. 116-125, 2016.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de IST, Aids e Hepatites Virais. **HIV/Aids: Boletim Epidemiológico**. v. 5, n. 1, p. 3-55, 2016. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2016/boletimepidemiologico-de-aids-2016>. Acesso em: 08 dez. 2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde e prevenção nas escolas: diretrizes para a implementação do projeto**. Brasília: Editora MS, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Doenças de condições crônicas e infecções sexualmente transmissíveis**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.
- BROL, I. S.; MARTELLI, A. C. Abordagem da sexualidade nas formações continuadas de professores e professoras da rede básica de ensino. **Revista Ártemis**, v. 25, n. 1, p. 274, 2018. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2018v25n1.36304.
- BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos**. 6. ed. rev. São Paulo, 2001.
- CONSELHO FEDERAL DE SAÚDE. **Resolução n.º 510 de 07 de abril de 2016**. Brasília, DF, 2016.
- DOURADO, I.; MACCARTHY, S.; REDDY, M.; CALAZANS, G.; GRUSKIN, S. Revisitando o uso do preservativo no Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 63-88, 2015.
- COSTA, A. B. B.; MORAIS, E. S. G.; SANTANA, L. V. A.; SOARES, A. F. Avaliação do conhecimento sobre o tema: sexualidade entre adolescentes de escolas públicas. **Latin American Journal of Development**, v. 4, n. 2, p. 420-432, 2022. DOI: 10.46814/lajdv4n2-020.
- DANTAS, J. C. R.; BELFORT, M. G. S.; SILVA, M. S. V.; SILVA, C. X. R.; AZEVEDO, S. A. Equipe multidisciplinar no controle de Infecção Sexualmente Transmissíveis (IST) em adolescentes: **revisão integrativa**, v. 16, 2023.

FERREIRA, J. P.; MIRANDA, T.; BARONI, A. L. L. Conhecimento sobre as DST entre adolescentes escolares em Vespasiano, Minas Gerais. **Adolescência & Saúde**, v. 13, n. 2, p. 51-59, 2016.

FILHO, J. R. C. S.; MORAIS, E. S. G.; BARBOSA, V. A.; SOARES, B. P. N.; MENDONÇA, D. F. P.; PALMA, M. B.; SOARES, A. F. Estudo qualitativo descritivo sobre infecções sexualmente transmissíveis como base para disseminação de informações: uma ação com alunos de ensino médio no estado de Pernambuco. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 13, e241111335529, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i13.35529>

FIGUEIRÓ, M. N. D. A produção teórica no Brasil sobre educação sexual. **Cadernos de Pesquisa**, n. 98, p. 50-63, 1996.

GÓMEZ, B.; TAYLOR, M.; GONZÁLEZ, M. A.; KORENROMP, E.; BROUTET, N. Estratégia global do setor de saúde da Organização Mundial da Saúde sobre infecções sexualmente transmissíveis: um resumo da evidência para a ação para a Colômbia. **Revista Colombiana de Obstetricia y Ginecología**, v. 68, n. 3, Bogotá, jul./set. 2017.

GRANDO, R.C. **O conhecimento Matemático e o uso de jogos na sala de aula**. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação da UNICAMP. Campinas, p. 183, 2000.

MAGALHÃES, ED; SANTOS, FGB; BARROS, N.B.; SOUZA, LFB Jovens adolescentes: os fatores de risco das infecções sexualmente transmissíveis e fatores protetivos. **Revista Brasileira de Desenvolvimento**, v. 7, n. 12, pág. 114491-114491, 2021. DOI: 10.34117/bjdv7n12-295.

MAGRIN, Nicolly Papacidero et. al. **O Impacto de Oficinas Sobre Sexualidade**: um relato de experiência com estudantes. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 26, 2022.

MERHY, E. E., GOMES, M. P. C., SILVA, E., SANTOS, M. D. F. L., CRUZ, K. T.; FRANCO, T. B. Redes Vivas: multiplicidades girando as existências, sinais da rua. Implicações para a produção do cuidado e a produção do conhecimento em saúde. **Revista Divulgação em saúde para debate**, 52, 153-164, 2014.

Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 01 out 2024.

PISCALHO, I.; SERAFIM, I.; LEAL, I. Representações sociais da educação sexual em adolescentes. In: **CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA SAÚDE, 3., 2000, Lisboa**. Anais [...]. Lisboa: ISPA, 2000. p. 353-362.

SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE (SESAPI). **Piauí registrou 533 casos novos de HIV/Aids em 2022**. Disponível em: <http://www.saude.pi.gov.br/noticias/2022-12-23/11558/piaui-registrou-533-casos-novos-de-hiv-aids-em-2022.html>. Acesso em: 22 dez 2022.

SILVA, M. S.; SOUSA, C. C. **O uso de jogos didáticos para a prevenção de ISTs na adolescência.** v. 22, 2021.

SMITH, A. B., BROWN, J. C., & JONES, K. L. Vertical Transmission of Sexually Transmitted Infections: An Overview. **Journal of Infectious Diseases**, v. 221, n. 3, p. 450-460, 2020. DOI: 10.1093/infdis/jiz600.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE UROLOGIA (SBU). **Pesquisa da SBU revela que adultos minimizam ISTs por se acharem “fora de risco”.** Disponível em: <https://portaldaurologia.org.br/publico/release/pesquisa-da-sbu-revela-que-adultos-minimizam-ists-por-se-acharem-fora-de-risco/> . Acesso em: 22 dez 2022.

APÊNDICE – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

QUESTIONÁRIO

INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS: INTERVENÇÃO EDUCATIVA EM ESCOLA PÚBLICA DA REDE FEDERAL

Formulário 1 - pré-intervenção

1. Qual a sua idade? *

2. Como você se identifica? *

☐ Sexo feminino

☐ Sexo masculino

Outra:

3. Você já ouviu falar sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs)? *

☐ Sim

☐ Não

☐ Não tenho certeza

4. Quais das ISTs abaixo você conhece? (marque todas que se aplicam) *

☐ HIV/AIDS

☐ Sífilis

☐ Gonorreia

☐ Herpes

☐ Clamídia

☐ HPV

Outra:

5. Quais fontes de informação você utiliza para aprender sobre ISTs? (marque todas que se aplicam)

☐ Aulas de educação sexual na escola

☐ Sites na internet Amigas(os)

☐ Consultas médicas Mídia (TV, rádio)

☐ Pai, mãe ou outras pessoas da família

☐ Redes sociais (Whatsapp, Instagram, TikTok etc.)

Outra:

6. Você acha que uma pessoa pode contrair ISTs se usar os mesmos talheres, pratos e copos de alguém que tem ISTs?

☐ Sim

☐ Não

☐ Não tenho certeza

7. Quais dos fatores abaixo aumentam as chances de uma pessoa contrair ISTs?

(Marque todos que se aplicam)

☐ Não usar preservativos nas relações sexuais

☐ Ter vários parceiros sexuais

☐ Falta de conhecimento sobre ISTs

☐ Consumo de álcool ou outras drogas

☐ Compartilhar seringas ou agulhas

8. Durante a gravidez ou parto, a mãe pode transmitir ISTs para a criança?

☐ Sim

☐ Não

☐ Não tenho certeza

9. Usar método contraceptivo (pílula, DIU) evita que uma pessoa tenha IST?

☐ Sim

☐ Não

☐ Não tenho certeza

10. Você acha que uma pessoa pode estar com uma IST mesmo sem ter sintomas visíveis?

☐ Sim

☐ Não

☐ Não tenho certeza

11. Se você teve/tem relações sexuais, com que frequência você ou seu (sua) parceiro (a) usa/usou preservativos?

☐ Não se aplica (nunca tive relações sexuais)

☐ Sempre

☐ Na maioria das vezes

☐ Raramente

☐ Nunca

12. Você acredita que está em risco de contrair uma IST?

☐ Sim

☐ Não

☐ Não tenho certeza

13. Se você achasse que poderia estar em risco de contrair um IST, o que faria?

- ☐ Procuradora de um profissional de saúde
- ☐ Conversaria com meus pais ou responsáveis
- ☐ Conversaria com amigos
- ☐ Pesquisaria mais informações na internet
- ☐ Não faria nada

Formulário 2 - pós-intervenção

1. Quais das ISTs abaixo você conhece?

- ☐ HIV/AIDS
- ☐ Sífilis
- ☐ Gonorreia
- ☐ Herpes
- ☐ Clamídia
- ☐ HPV

Outra:

2. Você acha que uma pessoa pode contrair ISTs se usar os mesmos talheres, pratos e copos de alguém que tem ISTs?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não tenho certeza

3. Quais dos fatores abaixo aumentam as chances de uma pessoa contrair ISTs?

- ☐ Não usar preservativos nas relações sexuais
- ☐ Ter vários parceiros sexuais
- ☐ Falta de conhecimento sobre ISTs
- ☐ Consumo de álcool ou outras drogas
- ☐ Compartilhar seringas ou agulhas

Outra:

4. Durante a gravidez ou parto, a mãe pode transmitir ISTs para a criança?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não tenho certeza

5. Usar método contraceptivo (pílula, DIU) evita que uma pessoa tenha IST?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não tenho certeza

6. Você acha que uma pessoa pode estar com uma IST mesmo sem ter sintomas visíveis?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não tenho certeza

7. Você acredita que está em risco de contrair uma IST?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não tenho certeza

8. Se você achasse que poderia estar em risco de contrair um IST, o que faria?

- ☐ Procuradora de um profissional de saúde
- ☐ Conversaria com meus pais ou responsáveis
- ☐ Conversaria com amigos
- ☐ Pesquisaria mais informações na internet
- ☐ Não faria nada

9. Você gostaria de participar de mais momentos como esse, sobre ISTs?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não tenho certeza

10. Após participar de uma intervenção educacional sobre ISTs, você se sentiria mais preparado para se proteger e conversar sobre o assunto?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não tenho certeza